

EPISÓDIO SEIS

NM/ON: Toda canção conta uma história. E essas 101 canções contam a história de um século do sentimento brasileiro. E de todos nós.

CABEÇA

NM/ON: Inspiração para casamentos e revoluções, para encontros e separações, trilha sonora da política e da crônica social, na alegria e na tristeza, a canção é um documento da identidade nacional. Ao longo de um século da nossa história, quando uma música tocou muito no rádio, na televisão, nas ruas e nas casas, tocou o coração do Brasil e se tornou a memória do sentimento coletivo que eternizou canções como

leiteiro: DOMINGO NO PARQUE, GILBERTO GIL, 1967

NM/OFF: O ano era 1967 e São Paulo, o novo centro irradiador da música brasileira a partir dos programas e dos festivais da TV Record. A discussão musical e o debate político, restrito pela ditadura, se misturavam com artistas e canções, que representavam quase sempre posições contrárias ao governo. Líder de audiência, a Record estimulava a briga entre a Jovem Guarda e a nova MPB, opondo a música jovem à música brasileira e exacerbando o nacionalismo. Os ânimos estavam exaltados.

Seis meses antes do festival, a emissora promoveu uma bizarra passeata contra a guitarra elétrica. O instrumento seria o símbolo da dominação estrangeira, mas o protesto, liderado por Elis Regina, Geraldo Vandré e Gilberto Gil, foi ridicularizado pela imprensa. Nada convicto de sua participação, Gil logo viu que tinha se precipitado. Afinal, ele tinha ficado enlouquecido com o álbum Sargent Peppers, dos Beatles, e pensava em apresentar sua música no festival com muitas guitarras e outras sonoridades do rock.

Amigos e concorrentes ficaram apavorados quando Gil lhes mostrou “Domingo no Parque”. Seria muito difícil ganhar daquele baião eletrificado, muito diferente de tudo que se conhecia, com uma letra que parecia um filme. Com seus closes, planos gerais e travellings em montagem fragmentada, contava a história de um triângulo amoroso que terminava em sangue e morte na roda-gigante de um parque de diversões.

Para o festival, Gil encomendou ao maestro Rogério Duprat uma grande orquestração, inspirada nos arranjos de George Martin para os Beatles, e

chamou um jovem trio para cantar e tocar com ele: os Mutantes, com a guitarra de Sérgio Dias, o baixo de Arnaldo Baptista e os vocais, a percussão e a graça de Rita Lee.

Enfrentando as vaias e a intolerância, a canção de Gil se impôs e empolgou o público, que sentia estar diante de algo realmente novo e genuíno. Sob aplausos e muita polêmica, Domingo no Parque ganhou o respeito dos concorrentes, mas não levou. Em disputa apertadíssima, perdeu para “Ponteio”, de Edu Lobo e Capinam, quintessência da melhor MPB. “Roda viva”, de Chico Buarque, ficou em terceiro, seguida de “Alegria, alegria”, de Caetano Velloso. Mas a música brasileira nunca mais seria a mesma depois daquela noite de 1967 e do “Domingo no parque”, de Gilberto Gil.

NM/ON: A alvorada de um gigante soltando a voz nas estradas marca a travessia de Milton Nascimento do anonimato para novo fenômeno da MPB, com seu estilo próprio arrebatador e uma voz insuperável que correria o mundo.

letreiro: TRAVESSIA, MILTON NASCIMENTO E FERNANDO BRANT, 1967

Depois de cinco anos ralando na noite paulistana e nos bailes da vida, Milton Nascimento viu a roda da fortuna girar a seu favor, em 1967, quando a já popularíssima Elis Regina gravou a sua “Canção do sal”. Encorajado por ela a participar do Festival Nacional da Música Brasileira, da TV Excelsior, Milton ficou em quarto lugar com “Cidade vazia”, de Baden Powell e Lula Freire, mas detestou a experiência. Vendo colegas se digladiando na disputa, jurou que nunca mais participaria dos festivais competitivos, que empolgavam e dividiam o país.

Promessa feita e cumprida, certa noite, o carioca mais mineiro do Brasil foi surpreendido pelos telefonemas de amigos, lhe dando parabéns. Último a saber, Milton estava entre os selecionados para o segundo Festival Internacional da Canção, da TV Globo, com nada menos do que três músicas. Sabendo da sua resistência, seu amigo e grande cantor Agostinho dos Santos lhe pediu uma fita com “Morro velho”, Travessia” e “Maria, minha fé” para mostrar ao seu produtor, mas acabou inscrevendo as três músicas no festival à revelia de Milton.

O resto é história. Defendida por Agostinho dos Santos, “Maria, minha fé” caiu na primeira eliminatória, mas as outras duas chegaram à finalíssima; ambas, na voz privilegiadíssima de Milton. “Morro velho” acabou em sétimo lugar e “Travessia” ficou em segundo, atrás apenas de “Margarida”, de Gutemberg Guarabyra. De quebra, Milton saiu do Maracanãzinho com o prêmio de melhor intérprete. Aos 24 anos, também chamou atenção do produtor americano Creed Taylor, com quem assinou contrato para gravar nos Estados Unidos. Como a canção que o consagrou, soltou a voz nas estradas para não mais parar. Foi sua travessia do anonimato para a galeria dos grandes nomes da música brasileira

“Travessia” foi a primeira parceria de Milton com o mineiro Fernando Brandt, que até então nunca tinha escrito letras. Milton vinha trabalhando numa canção, que batizara de “O vendedor de sonhos”, mas empacara na letra. Convencido depois de muita insistência de Milton, Fernando concordou em tentar e acabou completando a própria travessia para se tornar um dos mais importantes letristas brasileiros.

NM/ON: Sob o sol da Califórnia e no seu clima árido, enquanto esperava para gravar um álbum com Frank Sinatra, Tom Jobim produziu uma safra recorde de canções com belas letras em inglês.

WAVE, TOM JOBIM, 1967

Tom Jobim teve grandes parceiros, como Vinícius de Moraes, Newton Mendonça e Chico Buarque, mas também fazia letras muito bem. A partir de certo momento da carreira, passou a assinar sozinho a autoria de quase quarenta canções, não só em português, como em inglês, entre elas vários clássicos, como “Wave”.

Inicialmente em versão instrumental, “Wave” batizou o quarto disco solo de Jobim, gravado em 1967, nos Estados Unidos. No ano seguinte, já com sua letra e participação no arranjo, a canção foi gravada, no Brasil, pelo grupo vocal Quarteto 004. Intercalada por trechos das canções “Fotografia” e “Outra vez”, Wave abriu e fechou o pout-pourri “Tributo a Tom Jobim”, que fazia parte do disco Elis Especial, de Elis Regina. Desde então, essa onda sonora suave e envolvente foi dar na praia musical de inúmeros intérpretes ao redor do mundo.

Com repertório quase todo inédito, o disco Wave contrariou os lançamentos anteriores de Tom, que até então, eram feitos sob encomenda de gravadoras americanas, reunindo regravações de seus sucessos. Longe do Rio e da família, incomodado pelo clima seco da Califórnia, aproveitou a solidão para escrever a bela canção “Triste”, com o célebre verso, “tua beleza é um avião”, além dos temas instrumentais “Batidinha”, “The red blouse”, “Antigua”, “Captain Bacardi” e “Mojave”.

Apesar da qualidade dos seus versos, Tom precisou de um empurrãozinho para entrar na onda como letrista. A frase “vou te contar”, que abre a canção e viraria subtítulo de “Wave” foi uma sugestão de Chico Buarque, no começo de sua parceria com o maestro. A partir daí, Tom escreveu a letra toda. Meses depois, fez a impecável versão em inglês, gravada por grandes nomes da canção americana.

NM/ON: No Brasil fervilhante de 1968 nasceu uma canção simples e poderosa, como desafio e provocação à ditadura, que se tornou um chamado à luta e um hino de resistência que dura até hoje.

letrista: PRA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DAS FLORES, GERALDO VANDRÉ, 1968

NM/OFF: Ele queria fazer uma canção direta, com poucos acordes, para passar uma mensagem clara. E acertou em cheio. Na forma, no conteúdo e na maneira como apresentou “Pra não dizer que não falei das flores” nas eliminatórias do terceiro Festival Internacional da Canção Popular, em setembro de 1968. Enquanto a maioria dos competidores subia ao palco com grande orquestra, e os tropicalistas ainda adicionavam guitarras e grupos de rock, Geraldo Vandré abriu mão de qualquer acompanhamento: apenas sua voz, seu violão e três acordes.

Mas, não estava sozinho. A cada etapa vencida, era acompanhado pelo coro crescente da plateia que transbordou os limites do Maracanãzinho na grande final e fez todo o Brasil caminhar e cantar com ele. Apesar da comoção daquela noite de 29 de setembro, “Caminhando”, nome de guerra da canção de Vandré, perdeu o primeiro lugar para “Sabiá”, de Tom e Jobim. Mais sofisticada musicalmente, a campeã também tinha uma letra política, mas mais sutil, falando do exílio e de um Brasil que se afastava dos seus encantos. Mas, no fla-flu, que virou a disputa musical,

não havia lugar para sutilezas. A parcela esquerdista do público adotou a música do cantor paraibano como um hino de resistência ao regime, com seus versos que conclamam à marcha pacífica de quem acreditava nas flores vencendo o canhão... e que quem sabe faz a hora, não espera acontecer. Só que não.

Ao cantar que “há soldados armados, amados ou não, quase todos perdidos de armas na mão”, Vandr  incomodou especialmente os militares e foi um dos estopins da decreta o do Ato Institucional n 5, em 13 de dezembro de 1968, quando foi obrigado a sumir da cena. Por quase três meses, se escondeu na casa de amigos até sair clandestinamente do Brasil para um exílio de quatro anos no Chile e na França.

“Caminhando” logo foi proibida pela Censura, os discos foram retirados das lojas e sua execu o pública foi proibida, mas o Brasil inteiro já cantava a can o. S  em 1979, na abertura política, "Caminhando" foi regravada por Simone e foi um dos hinos da campanha da Anistia.

Vandr  voltou ao Brasil em 1973, após muitas negocia es sigilosas que selaram um acordo com o governo. Mas nunca retomou sua carreira, chegando a proibir grava es de suas músicas. Desde então, foram raras suas apari es públicas e a única can o que lançou, “Fabiana”, era uma homenagem   Força Aérea Brasileira.

NM/ON: Ao contrário da saída silenciosa de Vandr , Gilberto Gil foi para o exílio fazendo barulho, deixando uma mensagem de alegria e resistência para todo o povo brasileiro, num samba que se tornou um dos hinos do Rio de Janeiro.

leteiro: AQUELE ABRA O, GILBERTO GIL, 1969

A situa o não poderia ser pior nem mais triste. Preso após o AI-5, em dezembro de 1968, Gilberto Gil achava que ficaria ali a vida inteira ou que sumiriam com ele. Dois meses depois, quando foi libertado com a condi o de sair do Brasil, encontrou inspira o para compor um dos mais alegres e empolgantes sambas de nossa história, que explodiu como uma bomba de luz e leveza em meio às tensões daqueles anos sombrios.

Lançada em agosto de 1969 num single, “Aquele abra o” foi uma das músicas mais tocadas nas rádios brasileiras e um dos discos mais vendidos

do ano, num sucesso de dimensões até então inéditas na carreira de Gil, que acompanhou tudo à distância, em Londres, num exílio que durou três anos.

Em entrevista para o livro “Todas as letras”, do compositor Carlos Rennó, Gil lembrou que a canção nasceu em meados de 1969, depois de dois meses trancado com Caetano Veloso num quartel na Zona Oeste do Rio. Encerrando um período de liberdade vigiada em Salvador, Gil veio ao Rio tratar com os militares a sua saída do Brasil. E fez esta canção de despedida, uma ode à Cidade Maravilhosa, que começou a surgir na casa da mãe de Gal Costa, dona Mariah, e foi completada no voo de volta à Bahia.

Gil exaltou o Rio de Janeiro e alguns de seus grandes símbolos populares evitando conotações políticas ou qualquer referência à prisão. No lugar do bairro de Deodoro, onde ficou preso no Rio, preferiu citar o subúrbio vizinho de Realengo, rimando com torcida do Flamengo, embora seja torcedor do Fluminense. Também celebrou a Portela, mesmo sendo mangueirense e abraçou a cidade inteira, homenageando a Banda de Ipanema, a moça da favela e o velho palhaço Chacrinha. Saudando a beleza e a alegria do Rio de Janeiro, Gil mandava seu abraço de despedida a todo o povo brasileiro em um dos maiores sambas de nossa história.

NM/ON: Homenagear o Rio e a torcida do Flamengo, não bastavam para apaziguar um país dividido por um Fla-Flu político e ideológico. Gingando diante da forte marcação da ala esquerda, Jorge Ben Jor escapou das entradas dos adversários e fez o país comemorar um verdadeiro gol de placa.

leteiro: PAÍS TROPICAL, JORGE BEM JOR, 1969

NM/OFF: Depois de uma estreia retumbante em 1963, com “Mas que nada”, “Chove chuva” e “Por causa de você menina”, a música de Jorge Ben Jor, que na época era apenas Jorge Ben, vinha perdendo espaço. Num Brasil cada vez mais politizado e polarizado, a espetacular batida de seu samba-rock e o uso da guitarra elétrica passaram a ser vistos pela turma mais sectária da MPM como sinais inimigos, símbolos do imperialismo ianque e do deletério rock and roll.

“País Tropical” foi gravada primeiro, em 1969, pelos tropicalistas Caetano Veloso, Gilberto Gil e Gal Costa, que adoravam o estilo de Jorge e tinham

sua música como referência do movimento que defendia o diálogo e a fusão entre os gêneros regionais e internacionais. Abençoado por uma canção empolgante por natureza, Jorge voltou a fazer sucesso, incorporando elementos do Tropicalismo à sua maneira de compor. Logo em seguida, veio a gravação espetacular de Sergio Mendes nos Estados Unidos e o sucesso internacional, mas foi com Wilson Simonal, que “País tropical” se tornou um dos maiores hits da história da música brasileira.

Criador de um estilo alegre e dançante, que chamava de “pilantragem”, em 1970, o carioca Wilson Simonal rivalizava com Roberto Carlos como cantor mais popular do Brasil. Emplacando um sucesso atrás do outro, Simonal ouviu a música de seu velho amigo Jorge e, levado pelo balanço irresistível, se encantou também com sua linguagem malandra e ufanista. A letra de “País tropical” poderia ser confundida com a radicalização da campanha nacionalista da ditadura “Brasil, Ame-o ou deixe-o”, mas se tornou o maior sucesso de sua carreira.

Simonal também popularizou uma alternativa da letra, criada por Jorge, suprimindo a última sílaba de cada palavra, que superou a popularidade da versão original. “Mó num pá tropi” se tornou ícone sonoro de uma um tempo em que era comum cortar palavras e falar em códigos, mas por outros motivos. Com uma levada empolgante e melodia intuitiva e fluente, a declaração de amor ao Brasil de Jorge superou qualquer eventual conexão com o ufanismo autoritário, e sobreviveu no tempo como um hino de alegria e brasilidade.

NM/ON: Uma canção emocionante marca a alvorada luminosa de um herdeiros dos grandes bambas em um dos mais belos tributos que uma escola de samba já recebeu. E hoje é cantado em todas as escolas, blocos e rodas de samba.

letrero: FOI UM RIO QUE PASSOU EM MINHA VIDA, PAULINHO DA VIOLA, 1969

NM/OFF: Traição, remorso e redenção se combinam na origem desse hino informal da Portela e um dos maiores sambas de todos os tempos. A história começa em 1968, quando o portelense da gema Paulinho da Viola musicou os versos de “Sei lá, Mangueira”, de Hermínio Bello de Carvalho, que planejava incluir o samba num show celebrando a verde e rosa. Mas, Paulinho foi surpreendido pela notícia de que o poeta tinha mudado de

ideia. Percebendo a força do novo samba, Hermínio o inscreveu no quarto Festival da Música Popular da Brasileira, na TV Record. Interpretado por Elza Soares, foi um sucesso imediato que deixou Paulinho em pânico. Então presidente da ala de compositores da Portela, ele se perguntava o que seus colegas da escola diriam da sua declaração de amor à rival.

Perturbado com a repercussão da música na Portela, coração dividido e réu confesso, o jovem sambista só pensava naquilo. Até que certa tarde, caminhando pelo Centro do Rio, esse clássico em forma de samba enredo, com uma longa letra de 29 versos, começou a brotar em sua cabeça e em seu coração azul e branco. Normalmente vagaroso para compor, Paulinho criou “Foi um rio que passou em minha vida” numa enxurrada só, traduzindo plasticamente o seu arrebatamento ao assistir um desfile da Portela.

Sobe o som; aquele azul, não era do céu, não era do mar, foi um rio...

Gravado em 1969, o samba saiu inicialmente num compacto duplo feito para lançar “Sinal fechado”, canção vencedora do quinto Festival da Record naquele ano. Diante da positiva e inesperada repercussão, “Foi um rio que passou em minha vida” voltou no ano seguinte e deu nome ao segundo disco solo de Paulinho, tornando-se o maior sucesso de sua carreira.

No carnaval de 1970, por sugestão de Natal, o presidente eterno da Portela, o samba foi cantado antes do início do desfile. Desde então, “Foi um rio” virou uma espécie de amuleto sonoro, esquentando a entrada da escola na avenida a cada carnaval.

NM/ON: Perseguida pela censura, a música se movia pelas frestas das metáforas. Mas todos curtiram e compartilharam os versos da transgressão e o país lavava a alma com um drible de Chico Buarque na Censura.

letrero: APESAR DE VOCÊ, CHICO BUARQUE, 1970

NM/OFF: Depois de dois anos de autoexílio na Itália, Chico Buarque voltou ao Brasil, em 1970, para enfrentar o clima de terror da ditadura e a marcação implacável da Censura, que analisava todas as músicas antes de aprovar ou não sua gravação.

Os advogados da gravadora Philips não tinham a menor expectativa da aprovação quando submeteram aquela música de Chico Buarque ao Departamento de Censura Federal. Afinal, o tema e o autor batiam de frente com os fundamentos do regime. Mas o censor era um idiota, ou um patriota, e “Apesar de você” foi liberada sem cortes e gravada imediatamente.

Com a mesma velocidade, se tornou um sucesso em todo o Brasil. Ninguém acreditava no que ouvia: um samba extrovertido, alegre e debochado, cantando o que tanta gente queria dizer e ouvir. Abusado e contundente, o recado direto à ditadura lavou a nossa alma. Em poucos dias, o Brasil inteiro cantava “Apesar de você” como um hino de resistência, um desafio e uma esperança, a primeira que brotava desde o decreto sufocante do AI-5, em dezembro de 1968.

Mas, a alegria durou pouco: logo os órgãos da repressão perceberam o tamanho da encrenca e tomaram providências. A música foi sumariamente proibida e os discos confiscados nas lojas. A fábrica da Philips foi invadida pelo Exército, que destruiu e apreendeu todos os discos com a canção maldita.

Tarde demais: mais de 100 mil discos já tinham sido vendidos. Mesmo sem tocar no rádio e sem o advento da internet, a música viralizou, sendo copiada e distribuída descontroladamente em fitas cassete. Com a letra na ponta da língua, todo mundo cantava cada vez mais, com mais força, em qualquer lugar, a qualquer pretexto.

Intimado mais uma vez a dar explicações, Chico disse ao seu interrogador, cínica e deslavadamente, que o seu samba era para uma mulher muito mandona e autoritária. Drible de gênio da resistência democrática, tornou-se uma das canções mais cantadas no Brasil. E custou a Chico a vingança da Censura, que ordenou, desde então, a interdição de toda e qualquer obra dele, mesmo que fosse uma canção de ninar. O que o levou a gravar o LP "Chico canta", com músicas de outros compositores, e a se disfarçar com o pseudônimo de Julinho da Adelaide.

ENCERRAMENTO

NM/ON: Na verdade, não existem as melhores canções, as mais bonitas ou as mais importantes, essas 101 que tocaram o coração do Brasil representam a qualidade e a diversidade de gênios e de gêneros na música brasileira, que fizeram delas a trilha sonora de nossa história. No

próximo episódio, entre 1971 e 1972, Chico Buarque, Roberto e Erasmo Carlos, Toquinho e Vinicius, Milton Nascimento e Tom Jobim produzem seus melhores frutos e o Brasil vê nascer o talento de Luiz Melodia.